

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE JULHO DE 1909

N.º 252

Centenario da Guerra Peninsular



Marechal Silveira Londe d' Amarante.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 9.º senhor da Honra de Nogueira e S. Cypriano, senhor do morgado do Espirito Santo, grã-cruz da Ordem da Torre e Espada e da de S. Fernando em Hespanha, commendador da Ordem de Christo, governador das armas de Traz-os-Montes, tenente-general e 1.º conde de Amarante pelos seus grandes feitos de armas

Centenario da Guerra Peninsular



Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, representante do 1.º Conde de Amarante, seu bis-avô, com seu neto o filho primogenito dos Marquezes de Castello Melhor representante de Pedro Alvares Cabral

lidades intermediarias, recebeu o Senhor D. Manuel as maiores aclamações, podendo assim avaliar o carinho que os povos lhe tributam e o entusiasmo que a sua presença despertará no dia em que, como bom rei portuguez, se a patria fôr ameaçada, seja o primeiro no momento do perigo como agora o foi na celebração de passados triumphos.

Festas patrioticas como as que ha pouco se realisaram são sempre uteis porque são sempre educativas.

O culto prestado aos heroes da patria e a commemoração das suas faanhas despertam na alma do povo o sentimento patriotico,



Centenario da Guerra Peninsular. — EL-REI NO PORTO

Sua Magestade e o sr. presidente do conselho
(Cliché de J. Benoit).

fazendo-lhe ver a sua grandeza e a sua força sempre que queira empregar-as na defeza do solo ou na conquista dos grandes ideaes, das grandes descobertas, que verdadeiramente elevam o homem acima dos outros animaes, fazendo d'elle o rei da criação.

Publicando os retratos do heroico tenente-general Silveira e dos seus actuaes representantes, o *Brasil-Portugal* associa-se mais uma vez á celebração do centenario da Guerra Peninsular.

Por occasião da guerra contra a França e Hespanha, em 1801, Francisco da Silveira, com outras pessoas importantes da sua provincia, levantou um corpo de voluntarios, de que foi sargento-mór, o qual figurou sómente na empreza de Monte-Rei, ordenada por Go-

Centenario da Guerra Peninsular

A viagem de El-Rei

O Tenente-General Silveira e a defeza da ponte de Amarante

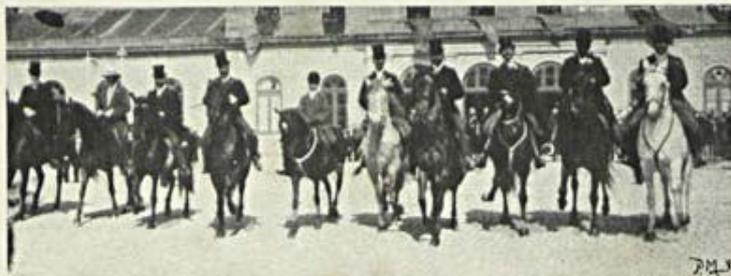
Pe-la segunda vez voltou El-Rei ao norte do paiz, não simplesmente para visitar os povos d'aquellas regiões, mas para assistir, como o mais alto representante da nacionalidade portugueza, aos festejos commemorativos do centenario da Guerra Peninsular.

Tanto no Porto como em Amarante, e ainda nas loca-



Centenario da Guerra Peninsular. — EL-REI NO PORTO

Passagem do cortejo real na rua de S. Lazaro
(Cliché de C. Cardoso — Porto).



Centenario da Guerra Peninsular. — EL-REI NO PORTO

Grupo de cavalleiros que acompanharam o Senhor D. Manuel
(Cliché de C. Cardoso — Porto).

mes Freire de Andrade. No entretanto, em recompensa dos serviços prestados n'essa época, foi promovido á effectividade de sargento-mór para o seu regimento de cavallaria 6, e a tenente-coronel em 14 de março de 1803. Commandava aquelle corpo de cavallaria, em 1807, quando houve ordem para todo o exercito portuguez marchar das fronteiras do reino para o litoral. Achava-se em Aveiro, quando em dezembro do mesmo anno, foi chamado a Coimbra para testemunhar a aniquillação dos regimentos de cavallaria 6, 9, 11 e 12, effectuada n'aquella cidade por ordem do general Junot. Alcançou do governo francez a sua demissão, e partiu logo para o Porto com o proposito de se evadir para bordo da esquadra ingleza, d'onde tencionava passar ao Brasil. O



Centenario da Guerra Peninsular. — No Porto
O Senhor D. Manuel chegando à Associação Commercial

seu plano ficou malogrado, e dirigiu-se então para Villa Real, onde posteriormente foi um dos fautores da aclamação do governo legitimo de 1808. A junta do supremo governo do Porto recompensou este serviço em 21 de julho d'aquelle mesmo anno com a patente de coronel do seu antigo regimento de cavallaria 6. Ainda no mesmo anno, e na qualidade de commandante da vanguarda no exercito de Bernardim Freire, marchando do Porto sobre a capital foi promovido, pelos governadores do reino, ao posto de brigadeiro, para depois lhe confiarem o governo militar da provincia de Traz-os-Montes, por carta regia de 15 de fevereiro de 1809. Faltando-lhe elementos para impedir que o marechal Soult invadisse a referida provincia, Francisco da Silveira sahio da praça de Chaves em retirada para Villa Pouca de Aguiar, d'onde em breve regressou a Chaves, apenas soube que o marechal Soult se dirigia para Salamonde e Carvalho d'Este. Foi o primeiro general portuguez que alcançou victoria contra as disciplinadas e aguerridas tropas francezas; no entanto, Silveira dispunha de pouca tropa de linha portugueza, sendo a maior parte das forças do seu commando duas brigadas de valorosos milicianos e voluntarios transmontanos. Foi com estes destemidos portuguezes que retomou a praça de Chaves, entrando n'ella com os regimentos 12 e 14 de infantaria e regimentos de milicias de Miranda e Moncorvo, dispostos a tomar a praça por assalto e occupando varias posições de ataque e sustentação d'elle os regimentos de milicias de Lamego e Bragança, bem como os de Chaves e Villa Real. Havendo retomado a praça, Silveira encontrou-se na defeza da ponte de Amarante contra as tropas do general Loison. Esta defeza foi heroica, disputando a passagem de forças muito superiores do exercito francez, oppondo-se-lhe com a maior bravura á frente dos regimentos de milicias de Chaves, Villa Real, e Miranda, e quatro peças de artilharia. Ha quem diga, que no fim de tão brilhante defeza, o general Silveira se deixara surprehender, vendo-se obrigado a retirar sobre Entre-Ambos-os-Rios. O que passa por ser verdade é que as tropas francezas conseguiram surprehender pela retaguarda as baterias da ponte, servindo-se do auxilio de alguns traidores portuguezes e principalmente protegidos pela espessissima nevoa que n'essa manhã cobria o rio Tamega. O facto é que o general Silveira se bateu valentemente e que foi promovido a marechal de campo na ordem do dia 21 de maio de 1809, em «contemplanção do zelo e patriotismo com que se havia conduzido», e quando chegou á côrte do Rio de



Centenario da Guerra Peninsular. — No Porto
El-Rei assistindo ao lançamento da primeira pedra do monumento
(Clichés de J. Benoit). aos heroes da Guerra Peninsular

Janeiro a fama dos seus serviços, o príncipe regente agraciou-o com o titulo de conde de Amarante, em 13 de maio de 1811, tendo a carta a data de 28 de junho seguinte e assentamento em 1 de fevereiro de 1812.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Julho. Chegou, enfim, o calor. Lisboa-Martyrio. — Vão reabrir as côrtes. As grandes reparações na sala dos deputados. Tudo um brinquinho! Uma idéa do sr. Mendes Leal: a blindagem de carteiras. Conta-se, a proposito, uma historia. Estabelece-se um paralelo e tira-se uma conclusão. — A viagem de El-Rei ao Norte. — Uma exposição de pintura nos armazens Grandella. Nosso Senhor Jesus Christo e o sr. Bernardino Machado victimas de uma senhora que sonha coisas espantosas.

Julho, o horrível julho, cá está a contas connosco. Vive-se n'um brazeiro. O calor chegou, por fim, e com ganas de guarda-livros que



Centenario da Guerra Peninsular. — No Porto
Sua Magestade na Associação Commercial

quer pôr a escripturação em dia, lançando-nos em conta o grande saldo do mez anterior, que foi benignissimo, de fórma que estamos soffrendo uma temperatura accrescida de juro de môra.

E' de arrasar! O sisudo lisboeta, que é geralmente pessoa de exemplar compostura, vê-se obrigado a sair fóra da sua linha de regular exhibição, apresentando-se por essas ruas de chapéo na mão, sem collete, um lenço branco envolvendo-lhe a papeira e o pescoço suados. E todo elle é abanico, sorvete e carapinhada. E quanto mais se abana e mais beberagens ingere, mais sua, mais bufa, mais o sangue o escalda, parecendo querer respingar pela epiderme oleosa da transpiração.

Lisboa, no verão, é horrível para toda a gente, sejam quaes forem as condições em que se viva. Mas para aquelle que tenha de transitar por essas ruas soalhentas, empoeiradas e infectas, ás horas de calma, que são precisamente aquellas a que procede á limpeza da via publica — para inglez vêr e portuguez suffocar — um homem empoleirado n'uma traquitana conduzindo uma pipinha com alguns decilitros de agua para borrfifar as calças de quem passa, tal travessia assume as proporções de um martyrio inquisitorial.

E lembrar-se a gente que a 17 reabrem as camaras e que os nossos nobres e legitimos representantes terão de passar a estação calmosa no velho casarão de S. Bento! Que horror! E ainda ha almas damnadas com sete pedras em cada mão para o regimen parlamentar!

Para que suas excellencias façam a nossa felicidade legislando, houve obras na sala em que reúnem os senhores deputados da nação. Leio na imprensa diaria que aquillo ficou um brinquinho: estuques retocados, tapetes novos e carteiras concertadas. Estas soffreram uma modificação impor-



Centenario da Guerra Peninsular. — O povo das cercanias de Amarante aguardando a passagem de El-Rei

tante: foram blindadas com placas de metal para resistirem ao classico socco das occasiões solemnes e ao modernissimo pau de bater bifés de que se falou muito ultimamente.

Sem quebra do meu maior respeito pelos paes da patria, direi que este caso da blindagem das carteiras destinadas a suas excellencias me recorda aquelle outro caso de um homem que tinha uma casa de iscas na rua do Arsenal, d'onde os freguezes levavam os talheres. Como o prejuizo fosse naturalmente grande porque os freguezes consumiam pouco e faziam mão baixa de coisa de muito maior valor, resolveu o tasqueiro prender ás mesas os talheres por solidas correntes de ferro.

Nos primeiros dias a genial idéa deu resultados favoraveis. As correntes resistiam aos fortes empuxões da honrada freguezia. Mas uma bella madrugada, fechada a porta e quando procedia á limpeza da taberna, o pobre homem verificou com os olhos esgazeados de espanto que as mesas estavam escavacadas nos sitios em que os espiões das correntes cravavam e que o prejuizo era ainda superior ao que tentara remediar: tinham levado talheres e correntes. O que o levou a gritar desesperado:

— Raios os partam! Aquillo está-lhes na massa do sangue!

Mal comparado, e, repito, salvo o devido respeito, direi, tambem, que me palpita vae succeder ao sr. Mendes Leal, que teve a idéa da blindagem das carteiras, coisa parecida. Se ao homem das iscas não foi possivel forçar os seus freguezes a serem pessoas honradas, pela adopção de correntes de ferro, pela mesma razão não será possivel ao sr. Mendes Leal coagir os seus presidiados a portarem-se como meninos bonitos que não fazem maldades, pela simples blindagem das carteiras. O que aquelles fizeram com canivetes farão os senhores deputados por outra fórma. As carteiras resistem a pau de bater bifés? Mas talvez não resistam a mar-



Centenario da Guerra Peninsular. — Chegada de El-Rei a Amarante (Cliché de J. Benoit).

tello. E se resistirem ainda restam as serras e a propria dynamite.

A este respeito esteja o sr. Mendes Leal tranquillo: não deita o mez fóra sem chamar o carpinteiro. Estamos até a vel-o d'aquí, pagando a conta e resmungando como o homem das iscas:

— Raios os partam! Aquillo está-lhes na massa do sangue!

Pois está, está. E ahí é que nos doe, sr. frei Antonio.

A segunda viagem de Sua Magestade El-Rei ao Norte, de que o sr. D. Manuel regressou ha dias, foi um verdadeiro triumpho para o joven monarcha. A chronica imparcial d'essa viagem, feita em folhas insuspeitas de facciosismos, dá a impressão exacta da victoria que essa jornada, feita por motivo tão sympathico, representa para as instituições e para o principe, n'esta época de desalento e egoismos e quando a propaganda radical alastra á sombra de uma intelligente tolerancia que por si só a annulla muito mais efficazmente que a mais feroz das repressões.

Como se sabe, El-Rei foi a Amarante assistir á festa commemorativa da guerra peninsular, hospedando-se no Porto. A recepção da Magestade na heroica capital do Norte foi, sem duvida, bastante significativa, comquanto não revestisse a imponencia da que lhe foi feita quando El-Rei pela primeira vez visitou o Porto. Mas, quer no per-



Centenario da Guerra Peninsular. — Chegada de El-Rei a Amarante Outro aspecto

curso de Lisboa ao Porto e muito especialmente no tracto do Porto a Amarante e na volta, o senhor D. Manuel foi alvo de manifestações de sympathia e carinho que não podem ser excedidas. Esse bom, generoso povo do Douro, tão trabalhador e soffredor, acclamou delirantemente o Rei, com tal entusiasmo e enternecido carinho, que muitos olhos se aguaram de commoção.

O senhor D. Manuel deve guardar gratissima recordação d'esta viagem, que o poz em contacto com o povo, o verdadeiro povo, o que trabalha, produz e soffre, alheio á politica dissolvente dos grandes centros, tão nobre no seu infortunio e na sua resignação.

O sr. Francisco de Almeida Grandella, o popularissimo Grandella cujos grandes armazens toda a gente conhece, teve a generosa e sympathica idéa de organizar uma exposição de pintura a que concorressem não só artistas mas especialmente amadores de merecimento, desconhecidos do publico. Escusado é encarecer as vantagens da iniciativa intelligente do sr. Grandella: ellas mettem-se pelos olhos.

Na exposição ha trabalhos bons, soffríveis e soffrivelmente maus. Ha de tudo, como nas boticas. Mas não resta duvida de que muitas aptidões desconhecidas até agora se manifestam em télas expostas no grande estabelecimento da rua do Ouro. E entre os melhores manda a justiça destacar duas do proprio sr. Grandella, que modestamente se assigna *Fag*.

Dos artistas fizeram-se representar, e bem, os srs. Roque Gameiro, Christino, Julio Costa, o caricaturista sr. Alberto de Souza e Baeta.

A este ultimo pertence um quadro que é o *clou* da exposição e que tem dado que falar a Lisboa inteira, constituindo o maior reclamo do sympathico *certamen*.

Deante d'esse quadro parei eu como toda Lisboa, porque é impossivel passar por elle e não se deter a gente alguns

As pequenas patrias

Excerpto do livro «Semente lançada à terra»
que acaba de publicar D. Luiz de Castro

Resumindo o espirito do congresso das sociedades scientificas, reunido em Pau no mez passado, o seu presidente teve uma phrase feliz quando disse: «Trabalhemos juntos n'esta obra de bons cidadãos e unamo-nos para fazer despertar as nossas provincias, para insuflarmos de novo a vida, a palavra, a actividade às pequenas patrias».

Quem se não sente realmente provinciano antes de sentir-se patriota?

Quem é que no fundo da sua alma não descobre que é patriota por que ama a sua região, aquella onde conhece a terra e a gente, aquella que fixou nos seus olhos de creança e de adolescente, aquella em que admirou primeiro a Natureza, sentiu primeiro a vida da sua personalidade complexa? aonde o prendem as tradições de familia, os interesses materiaes e moraes dos seus, a paisagem, o meio?

Por muito fundo que depois seja o *desenraizamento* nas escolas e depois na vida acirrada das capitães, por mais que se lhes afigure estarem desprendidos da sua provincia, da sua terra, n'um dado momento de affectividade, de enterrecimento, de abandono de ficticias energias, de appello á verdade, surge milagrosamente das sombras em que jazia o sentimento fundamental estendendo sobre nós, viciados pela mentira convencional da sociedade, a aza branca e acariadora dos sentimentos sinceros, fortes da sua origem natural.

Um homem do Minho, dentro de Portugal tem honra, ternura e



Centenario da Guerra Peninsular. — Em AMARANTE — O Senhor D. Manuel e os srs. conselheiros Antonio Candido e Wenceslau de Lima

minutos, não porque se trate de uma maravilha — o auctor tem trabalhos superiores — mas pelo estupendo assumpto tratado.

No primeiro plano, Nosso Senhor Jesus Christo aperta a mão familiarmente ao sr. dr. Bernardino Machado. Jesus veste tunica vermelha e o sr. dr. Bernardino um elegante *frack* e chapéo de côco. Ao lado passa um grande cortejo de bispos, cardeaes, e mais dignidades ecclesiasticas e toda essa gente parece muito intrigada pelas amistosas relações do Divino Redemptor com o illustre caudilho republicano. Nós, comquanto seculares, tambem ficámos muito espantados. E estamos em crer que Nosso Senhor Jesus Christo e o sr. dr. Bernardino vão pela mesma.

Não percebemos o symbolismo da famosa tcla, e sahimos encavacadissimos com aquella historia, que nos pareceu forte de mais para brincadeira. Porque, enfim, Jesus Christo é uma figura enorme e o sr. dr. Bernardino Machado um cavalheiro respeitabilissimo. Nunca julgámos, e ainda não julgamos, haver duas opiniões a este respeito.

No dia immediato ao da nossa visita á exposiçáo Grandella applicava um jornal o quadro e a sua historia. Vem a ser isto, resumidamente: uma senhora que era monarchica (*canastra*, no dizer do jornal em questão) deixou de o ser, mercê da propaganda republicana, que lhe abriu os olhos. Mas parece que fez um grande esforço mental para operar a reviravolta, porque logo voltou a fechar os olhos, mas d'esta vez para dormir a valer. E então sonhou o assumpto do quadro, incumbindo o sr. Baeta, logo que acordou, de o passar á tcla. D'ahi o aperto de mão de Nosso Senhor Jesus Christo ao sr. Bernardino Machado, o espanto dos ecclesiasticos do cortejo, o espanto de todos os que vêem o famoso quadro...

Ora, com franqueza: — a senhora que sonhou o assumpto d'esse quadro não perdeu uma excellente occasião... de estar acordada?...

CAMARA LIMA.

A mulher é como a nossa sombra: correis em seguimento d'ella foge-nos; fugimos-lhe e ella corre perto de nós.



Centenario da Guerra Peninsular. — Em AMARANTE (Clichés de J. Benolle). El-Rei entrando na Camara



Centenario da Guerra Peninsular

El-Rei e o sr. conselheiro Antonio Candido, assomando a uma das janellas da Camara Municipal

gosto em ser minhoto, assim como o do Alemtejo, alemtejano e o do Algarve, algarvio.

Para aquelle não ha nada comparavel á paisagem da sua provincia viridente, xadresada em pequenos campos que as videiras cercam senhoris, amparando-se nas arvores escravas e engalanando a terra, da primavera ao outomno, com suas grinaldas de pampanos, como se fosse esperada a cada momento e a cada canto uma bacchinal dançante e polychroma. Nada melhor valorisa essa festa perenne



Centenario da Guerra Peninsular. — EM AMARANTE — *El-Rei dirigindo-se para a igreja de S. Gonçalo*

do que o pequeno bosque raiado de melancolia, que na encosta aconchegadamente garantisa a lenha para a lareira e o matto para as camas do gado, minúsculos rebanhos, duas, tres, cinco vaccas, que passam ao fundo do quadro guiados por zagal menino, que tanto basta para guardar tão pouco e tão docil armento.

Ao alemtejoano só o encanta o dilatado horizonte loiro das suas searas a perder de vista, o verde quasi cinzento do montado sem extremos onde multidões de rolíços porcos arrobam fartamente, a charneca vasta animada pelas manadas de cem e duzentas cabeças dominadas pelos pastores biblicos, fortes e grandes, as lavouras de dezenas de charruas, arrastadas por bois avermelhados, revolvendo a terra com lentidão enquanto o sol funde os seus raios sobre os homens, as plantas, os animaes a uma temperatura tropical.

Ali o bulicio e o ruído de uma população superabundante, aqui o silencio e a paz de pouca gente esparsa em grandes tratos de terra.

Aquelle aspecto encanta os portuguezes de lá, este enleva os de cá.

E entretanto todos são da mesma patria, mas abaixo della, talvez antes della, está a pequena patria com seus traços característicos vincando a alma de uns e de outros.

Se a paisagem, se o meio são tão diversos, a actividade, a base social é differentissima tambem, é n'alguns pontos diametralmente opposta. O que serve ali não convém aqui, o que no Alemtejo é bom, é máu no Minho. A constituição da propriedade, o regimen de heranças, os contractos de aluguel da terra, os systemas culturaes, as proprias plantas e animaes e os processos d'exploral-os, a organisação do capital, as necessidades do credito, os systemas technologicos, nada é semelhante!

E, entretanto, as leis que a todos governam são eguaes n'um gritante despauterio, sem base scientifica d'especie alguma, a começar pela divisão administrativa riscada ao sabor de conveniencias burocraticas, amalgamando aparentemente, inutilizando de facto as natu-



Centenario da Guerra Peninsular. — EM AMARANTE

Sua Magestade atravessando a ponte para ir descerrar a lapide commemorativa

(Cliché de J. Benoit).

raes provincias de Portugal tão caracterizadas, tão fortes, tão bellas, na sua unidade.

Mas esse quadro não é só portuguez. A revolução franceza destruiu as provincias, as corporações, todos os corpos organizados ou espontaneos, com a preocupação egalitaria dos individuos, despedaçando os laços que prendiam os homens entre si, ficando todos irmãmente amarrados ao Estado, patrão da vida nacional pelo seu functionalismo, polvo de incontaveis tentaculos que pelo andar dos tempos seguram toda a actividade nacional, toda a vida local e regional, para as capitães, emporios burocraticos.

Como o fundamento d'essa reforma radical não era scientifico ou por outra, como não tinha fundamento, a desejada e esperada sociedade nova que a revolução tallara theoricamente, ainda que a golpes reaes de guilhotina, apenas entrou em variações desordenadas durante um seculo, para agora renascer forte e disciplinado o espirito corporativo e o espirito provincial, porque esse é que é o verdadeiro, o legitimo sentimento que está na alma humana.

Em França e na Italia, apesar do longo trabalho administrativo em sentido contrario, surge sob as fórmulas mais variadas: agrupamentos litterarios, artisticos, religiosos, archeologicos, restauração de linguas antigas, movimentos regionalistas, propostas e campanhas de descentralisação, e, sobretudo ligando-se n'este ponto justas am-



Centenario da Guerra Peninsular. — EM AMARANTE

El-Rei atravessando a ponte, depois de ter descerrado a lapide commemorativa, acompanhado dos srs. presidente do conselho e conselheiro Antonio Candido

(Cliché de C. Cardoso — Porto.)

bições provinciaes e corporativas, uma floração magnifica de instituições sociaes de progresso agrario.

Em Portugal, apesar de estar vivo em nossos corações o amor da provincia, não o exteriorisamos em factos que sejam a affirmação d'este sentimento.

Retraidos, egoistas, temendo esse pavor nacional que se chama o ridiculo e a troça dos estultos, ou nos isolamos selvaticamente em nossas casas ou manifestamos sociabilidade indo para a botica, para o club sem idéas, para o adro da igreja perder horas infindas a discutir politicos, o que é muito differente de versar politica.

Entre nós, os propositos de 1790 foram cumpridos à risca. A machina administrativa esmagou as pequenas patrias, e nem por isso fez maior a grande patria.

A agricultura, que podia e devia ter melhorado muito de condições, se os filhos de cada região se tivessem juntado n'esse proposito sob a égide dos mais capazes, só agora começa a engatinhar n'essa via.

A capital, com os divertimentos e commodidades inherentes, a descansada e mediocre carreira burocratica, atraindo o nosso temperamento de goso e de repouso, com ambições limitadas a frequentar S. Carlos e subir bem janota a Avenida, sorveram dos campos todos aquelles que levantavam a cabeça acima da mediania intellectual.

Ficou a provincia sem dirigentes que passaram a ser, no grande centro, uns dirigidos. Os gostos não se discutem.

Por outro lado as especulações rhetoricas da Universidade chamaram e chamam muito mais as nossas imaginosas faculdades de intelligencia — prompta mas geral-

mente incapaz de sequencia de plano scientifico e de teimosia investigadora — do que os cursos de applicação: o do Instituto de Agronomia, por exemplo.

O espirito allastou-se da *terra mater*, como agente de vida, de fortuna, de bem estar. A terra passou a ser um sentimento ou um debique litterario. Apenas ficaram a ella amarrados os servos da gleba.

Entretanto começam agora a despontar pequenos focos provinciais de actividade regionalista, em geral sob a forma de associações agricolas. Alguns d'esses centros de actividade têm a oriental-os verdadeiros apaixonados, intelligencias cultas, que são garantia de exito.

Dêmos-lhe impulsão, dêmos-lhe força, coragem, pela nossa propaganda insistente na imprensa, chamemos a attenção publica para esses emprehendimentos meritorios, desviemos a tendencia da mocidade para os vãos rhetorismos universitarios e encaminhemol-os para a terra sincera, fecunda, uberrima, cultivemos o germen do amor á provincia que em nossa alma está ainda vivo.

E se conseguirmos dar vida assim ás pequenas patrias, vida moral e vida material, temos fortalecido e enriquecido a grande patria, como augmentamos na eira o monte de trigo fazendo com que pelo nosso esforço scientifico cada planta aílhe muito e cada colmo supporte maior numero de maiores grãos.

Pintura decorativa em Portugal

Quasi agonisante entre nós se encontra este ramo d'arte, tão esplendoroso nos seculos passados. Por todo o globo os vestigios d'antigas civilizações nos extasiam a começar pelo Oriente e até ás ultimas regiões do planeta, quantos seculos e quantas maravilhas se encontram ainda, attestando o grau de civilização e as riquezas magnificentes, que se ostentam da base da columna ao capitel, ao friso, aos vertices das grandes naves, ás sumptuosissimas muralhas, de quantos pagodes de jardins suspensos, de deslumbramentos, a antiguidade nos deixou em assombrosos modelos!

Quantas gerações de artistas até á Renascença nos legaram os Arabes, os Bizancios, até que do seculo xv em diante, toda a Europa começou produzindo, dos gregos e romanos, essas escolas de classicos, d'onde têm derivado as maravilhas ornamentaes dos seculos xv até nossos dias.

Deixemos para outro dia o falar dos tecidos, dos metaes, da ourivesaria, do exagerado uso das sedas e brocateis, dos couros e pedrarias, esmaltes e quantas artes industriaes se desenvolveram nas ceramicas e nos marmores;

Tudo Maravilhoso corria paralelo n'esses tempos de riquezas mundiaes.

Muitos seculos, muitas gerações passaram, mas muitas obras ficaram, e hão de viver sempre.

A Europa, que a Renascença tornou celebre, criando as suas escolas, assistiu no tempo dos reis de França e de Hespanha, e sobretudo no reinado do Imperador Carlos quinto, á appareição dos grandes architectos que crearam um mixto de architectura, a que puzeram o nome de Filipina, com o fim de lisonjearem a dynastia dos Filipes, e elles por seu turno, animavam e promoviam grandes obras, engrandecendo os artistas seus contemporaneos.

Filippe II, foi amigo intimo do grande pintor portuguez que lhe encheu o Escorial de bons quadros, e muitos pintou para S. Roque o Grande Affonso Sanches Coelho.

Os mais celebres artistas viveram na cõrte de Luiz XIII, de Luiz XV, até no agitado p-riodo do reinado de Luiz XVI, e fez-se arte, e criaram-se os estylos, que chegando até nós (mesmo a despeito da doentia e inexplicavel arte nova) hão de conservar-se, como encanto de requintada elegancia, e costumes aristocraticos.

O mobiliario, as joias, os tecidos, as faianças os leques, *écrains*, e tantos *bibelots* que adornavam os pavilhões das Pompadours e de quantas Rainhas da moda reinaram no coração dos Reis galanteadores, e nos cerebros dos pintores, Catharina de Medicis posando de Minerva ao seu favorito Rubens, a Duqueza de Barry, a Maintenon, a Pompadour, servindo de modelo a Boucher para os seus Idilios galantes, ora representando a Leda com o seu Jupiter, metamorphosando em cysne, ora em Venus armando o Cupido e a vender-lhe os olhos, de tudo isso ha soberbas reproduções e modelos nos *plafonds*

de Fontainebleaux, e nas galerias onde enxameiam esses enlevos do amor e da frescura principesca d'esses tempos.

As decorações dos palacios, essas então, desde o puxador á fechadura, á chave d'um gabinete, e ao mais rico lambris ao entablamento e cornijas, nos centros dos plafonds, tudo o architecto estudava e fazia executar, e d'ahi essas artes decorativas, que são, ainda hoje, o encanto artistico das gerações e a escola onde se aprende o gosto em todas as suas manifestações, do mais sumptuoso *chateau* ao Palais de Chantilly ou ao *petit chalet bourgeois*.

Tentativas pallidas se tem feito entre nós, plagiando aquellas faustosas riquezas e bom gosto, mas os nossos architectos, mais dos que os proprietarios, resolvem banir das suas obras a pintura decorativa, e se alguma coisa se vae fazendo é, como diz o espirituoso Julio Mardel: *Decoração pelintra*. Assim é, infelizmente.



Centenario da Guerra Peninsular. — A lapide commemorativa da defeza da ponte de Amarante, collocada n'uma das pyramides da mesma

(Cliché de J. Bonollet).

Ha trinta annos, tem regressado a Lisboa depois de terem ultimado os seus estudos em Paris e na Italia, muitos e conceituados architectos, e bellas casas já se encontram em Lisboa e arredores.

Nem em uma só, que saibamos, se tem feito decorações como as fez Cinatti nos palacios das Necessidades, casas Palmellas ao Calhariz, Igrezias, Anjos, Eugenio d'Almeida, D. Luiz Carneiro em Evora, em Setubal, e tantos palacetes em que os pintores dos fins do seculo xix ainda puderam exhibir os restos que Sequeira lhes ensinara, ao voltar de Roma.

O grande Taborda, Cyrilo Machado, Manuel da Fonseca (o que pintara o rapto das Sabinas — grandes frescos do palacio Farrobo) esses bellos pintores, ainda puderam manifestar-se, mas com elles foi morrendo a pintura decorativa em Portugal.

Desde que ha trinta annos se ultimaram as pinturas do palacio do Municipio, nada mais se fez para revelação de artistas, que se arrastam em futilidades. Raras são as decorações que apparecem, e no entanto existem artistas de valor como os que pintaram os vidros da loja de Chá na rua do Carmo e outros.

O deslumbramento das decorações nos cafés de Madrid, Cordova, Barcelona e Sevilha, são o principal encanto d'essas cidades. Os nossos . . . é olhar para os seus plafonds — o do Café Suíço parece o tecto d'uma cosinha d'hotel, o do Café Leão, ornatinhos de gesso com douradinhos, lembra caixas de amendoas, o Aurea abre concor-

rencia com os botequins da Ribeira Velha, o luxuoso Tavares tem um tecto de ornatos de gesso já muito entupidos de tinta, que ha vinte e oito annos vem sendo pintado e de cada vez mais *gris*.

Vamos a ver os encantos do Martinho, que se annunciam maravilhas d'arte! Esperemos.

Se n'este meio de desalento para os nossos pintores decoradores, acaso apparece um tecto pintado, todo o mundo quer ver a novi-



O pintor José Maria Pereira Cão
com os ultimos dos seus 34 filhos

dade, e nós que de *todo o mundo* fazemos parte, lá nos dirigimos ha dias para as novas installações da C.^a Singer por nos constar que o conhecido pintor Pereira Cão, o decano dos decoradores, o discipulo dilecto dos Rambois e Cinatti, fôra encarregado de pintar um tecto com a bagatela de 134 metros quadrados de superficie. Pois elle só, com um aprendiz, em quatro mezes, conseguiu que pudessemos apreciar cuidadosos ornatos, tocados com a maestria que elle sabe, essas frescas flores que de preferencia applica nas suas decorações, como motivo sempre bello e alegre, e uns travessos meninos carregando colchas, machinas, almofadões, bordados, uma faina encantadora! Ao notarmos o aspecto geral dos dois tectos, deparou-se-nos uma novidade para nós, que é o iris envolvido em suaves nuvens que sustentam um grupo de quatro rapazes a conduzirem uma colcha bordada pelas novas machinas Singer, e como se ainda fosse pouco, apresenta-nos mais um farto festão de flores, que só por si representa uma batalha de flores... e que lindas flores!

Ver um artista, com o peso de quasi 70 annos, pintar sobre o estuque do tecto, tão fresca e suave decoração, causa inveja aos novos, e a nós, foi-nos agradabilissimo ver esta recente pintura, d'um artista cuja obra é enorme em todo o paiz, e em Hespanha e França, porque, Pereira Cão é o nosso pintor decorador que para mais paizes tem pintado.

Presta-lhe hoje o *Brasil-Portugal* uma justa homenagem publicando o retrato do artista n'um grupo com os seus quatro filhos mais novos, dos 34 de que é pae.

Tão fecundo que, como se vê, não se tem contentado em... os pintar.

Em viagem:

- O' cocheiro, que terra é aquella?
- Alijó.
- E' muito distante?
- Não, senhor, é ali já.
- Mau! Então é Alijó ou Alijá?
- Oh! senhor! Alijó é ali já...

D. GRACIEMA NOBRE

Manda-nos de quando em quando o Brasil tão brilhantes, tão vivas manifestações de talento, que deixam em segundo plano algumas das nossas celebridades portuguezas, e provam que a seiva tropical serve ao mesmo tempo para alimentar as arvores collossaes e para desenvolver as intelligencias que surgem n'esse paiz de maravilha.

Ahi teem uma prova real e exuberante. Ahi teem um livro *Crepusculo* que nos mandam de S. Paulo e que tem no seu frontespicio um nome feminino. Esse nome, authenticamente brasileiro, D. Graciema Nobre, é o de uma poetisa de 18 annos, uma gentilissima menina, como poderão ver pelo retrato que publicamos, enriquecida



Graciema Nobre

ao mesmo tempo pela natureza que lhe deu uma rara formosura e um talento *hors ligne*.

Que poder de expressão poetica, que poder de harmonia, que correcção de linguagem metrica, que originalidade de pensamentos, e, sobretudo, que incomparavel encanto na descripção rythmada das bellezas regionaes, da flora, dos costumes, das tradições, que ella colhe em flagrante, e traduz com um poder de suggestão, que basta para dar-lhe um alto logar entre os maiores artistas do verso que o Brasil tem produzido!

N'estas rapidas palavras resumimos a funda impressão que nos deixaram os versos de D. Graciema Nobre. E para que os leitores do *Brasil-Portugal* nos não considerem exaggerados, ahi teem os que reproduzimos a seguir d'esse encantador volume superiormente prefaciado pelo erudito professor Wenceslau de Queiroz, que todos os intellectuaes portuguezes devem ler com amor e admiração:

UM CRIME

Supplico-te o perdão, oh! martyr borboleta:
Prendi-te, torturei-te, inflingi-te o supplicio
De Christo. Tua cruz, o cravo que te espeta,
Fui eu que os collocou no altar do sacrificio!

Que triste é ter-se assim a belleza irrequieta
Das azas! Sem siquer ter-se um leve intersticio
De ar, e perecer n'uma prisão... Inquieta
Como um doido a morrer nas grades d'um hospicio:

Depois, quasi a expirar, — que cruel! ainda eu pude
Collocar-te no teu minusculo ataúde:
Era n'uma caixinha airosa, leve, harmonica.

E bateste a morrer as azas sobre a tampa,
Deixando impressa alli, a tua doce estampa
Como Christo a deixou no manto da Veronica!

CREPUSCULAR

Sonha o sol a morrer; expira n'um desmaio
De tons d'oiro, de luz, de graça e de poesia.
A sombra do arvoredado é languemente esguia,
O céu é um sonho azul e a tarde um rir de Maio.

Fincada no horisonte, onde o olhar espraio,
Destaca-se o perfil d'uma torre sombria;
O sino austero geme a doce Ave-Maria
Emquanto expira o sol na pallidez de um raio.

Reina em minh'alma — triste e merencorea nave—
Um tom crepuscular dolorido e suave,
Agonizante o amor delira em igneo poente.

E, em vez d'Ave-Maria, os sinos compassados
N'uma canção de Dor, soluçam a finados
E pela cruz do altar o Sonho é o penitente...

OS EXAMES

Como estamos em época de exames, é oportuno saber-se o que sobre o assumpto a pedagogia tem notado e dicto. Ha quem condemne os exames, realisaos no fim do anno escolar; e na verdade não se pode negar a legitimidade das criticas contra elles apresentadas.

Augmenta consideravelmente o trabalho das creanças e dos mestres nas proximidades do exame. O facto é verdadeiro, pelo menos, em regra; nos ultimos tres mezes o professor, que propõe alumnos para exame, ensina intensamente; e comprehende-se que esse ensino e estudo intensivo é prejudicial á saude das creanças e dos mestres.

Além d'isso n'esse momento esquece-se a funcção da escola e o fim educativo do ensino. Na preparação para o exame o mestre dá naturalmente a preferéncia á instrucção e ao exercicio da memoria, e não pensa no desenvolvimento da intelligéncia nem na formação do caracter moral do estudante.

O jury dos exames ordinariamente, por melhor que seja o desempenho da sua funcção, não pode apreciar o trabalho do mestre no que se relaciona com a educação dos alumnos, tanto sob o ponto de vista intellectual, como sob o ponto de vista physico e moral. Não lh'o permittem nem as condições em que actua, nem o tempo de que dispõe. E, como os exames não servem só para avaliar a preparação do alumno, mas para conhecer o valor do mestre, succederá com frequéncia reputar-se bom um professor que manda a exame muitos alumnos, e todavia descuida a parte mais importante da sua missão.

O critério de cada um dos jurys não é o mesmo; e d'essa diversidade de criterios sahem necessariamente desigualdades que se hão-de reflectir na reputação das escolas e dos professores.

Esses e outros defeitos indicados contra os exames finaes tem produzido na pedagogia correntes oppostas, chegando-se mesmo a pedir a completa suppressão d'elles.

E' todavia certo que não se encontrou ainda uma formula pratica que permitta corrigir inteiramente os inconvenientes que d'elles resultam, ou substituir esse systema de exames por outro processo menos defeituoso. Com todos esses defeitos constituem ainda os exames finaes um poderoso estímulo para o mestre e para o alumno.

E para atenuar os inconvenientes que de d'elles derivam, a corrente moderada da pedagogia só apresenta um remedio — a vigilancia e a fiscalisação dos inspectores em numero sufficiente.

A este respeito diz um pedagogista americano: «A fiscalisação permanente manteria o funcionamento regular e constante da escola e permittiria verificar as impaciencias dos mestres que no desejo natural de sobresahir se entregassem a um ensino demasiadamente intensivo, e corrigiria immediatamente esse mal. Tambem se vigiaria a passagem dos alumnos d'uma classe para outra, e evitar-se-hia o excesso de trabalho na proximidade dos exames, o exercicio macanico da memoria, e o predominio da instrucção sobre a educação. A acção d'esta vigilancia facilitaria a obra do exame final a que julgo necessario que se deve voltar, porque fóra



Dr. Affonso Augusto Moreira Penna

*Ex-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brasil
(Cliché Bistoz Dias — Rio de Janeiro).*



No palácio de Cattete. — O dr. Affonso Penna no caixão, na vespera do enterro

Dão uma pequena idea da imponéncia que revestiram os funeraes do dr. Affonso Penna os instantaneos que hoje publicamos sobre o assumpto. Toda a nação brasileira se uniu no mesmo impulso de sentimento, desde o povo que em grande massa acompanhou o funebre cortejo até aos seus mais altos representantes officiaes, para prestar a ultima homenagem ao grande morto que para sempre ficou repousando no cemiterio de S. João Baptista. As nações estrangeiras e suas respectivas colonias no Brasil manifestaram-se tambem por uma forma deveras notavel, devendo especialisar-se a Santa Sé, Portugal, Hespanha e a Alemanha.



No palacio de Cattete. — O dr. Affonso Penna no caixão. Entre os assistentes; Almirante Alexandrino de Alencar tendo à sua esquerda o secretario do fallecido, dr. Edmundo Veiga e o dr. Penna, filho do ex-presidente

d'elle não se encontrou outro processo que para o momento o possa substituir com vantagem.»

Educação physica

Ha uma forte corrente em todos os paizes a favor da introdução da educação physica nas escolas. Todos aceitam em principio a importancia e a necessidade da educação physica, mas na pratica surgem contradicções ou desaparece o enthusiasmo.

Contribue para essa indifferença a ignorancia das bases scientificas do crescimento humano, assim como o desconhecimento das relações entre o movimento e o systema nervoso. D'ahi resulta o conceito falso que se tem em regra do valor da cultura physica racional. Pensa-se que a educação physica é uma especie de arte complementar da educação, destinada sómente a dar mais vigor aos musculos.

E' claro que, dada essa orientação do maior numero, demorar-se ha ainda muito a applicação concreta d'um systema racional de cultura physica. Por outro lado o professor incumbido de ministrar essa cultura precisa de conhecimentos indispensaveis de anatomia e de physiologia, assim como de noções claras da evolução anatomica e physiologica do alumno. E não pode ignorar as relações entre o trabalho physico e o psychico. Na falta de professores com essa competencia technica é preferivel adoptar o proverbio popular: deixar crescer e trabalhar as creanças, como cresceram e trabalharam os seus antepassados. Com effeito antes não receber a cultura physica do que recebê-la do professor que a não sabe dar.

Ha trabalhos interessantes que esclarecem d'uma maneira notavel o valor e a importancia da cultura physica. Provêem esses trabalhos das experiencias realizadas nos laboratorios de physiologia e de psychologia e das observações da clinica medica.

D'esses trabalhos concluiu-se que a musculação ou a actividade muscular e a cerebração ou a actividade cerebral estão intimamente ligadas sob o ponto de vista anatomico, physiologico e psychologico.

O musculo, como orgão do movimento, passa a um plano secundario, desempenha um papel puramente mecanico, submettido, como está, no seu funcionamento ao cerebro e à medula.

D'esta forma apparecem mais claras as relações reciprocas entre o pensamento e o musculo, isto é, entre as duas formas do trabalho physico e psychico, que não são differentes na essencia, mas só nas suas manifestações funcioaes.

E assim a educação physica é no fundo uma disciplina mental mais que muscular; não é apenas um conjunto de exercicios physicos e gymnasticos, mas comprehende simultaneamente o funcionamento psycho-motriz.

D'aqui derivam consequencias importantes. E entre essas é de grande alcance a seguinte: uma zona consideravel da substancia cinzenta do cerebro está destinada a presidir aos movimentos musculares, e assim d'accordo com as leis da physiologia, o movimento é a causa e o effeito da organização, desenvolvimento e aperfeiçoamento do cerebro na referida região dos centros motores.

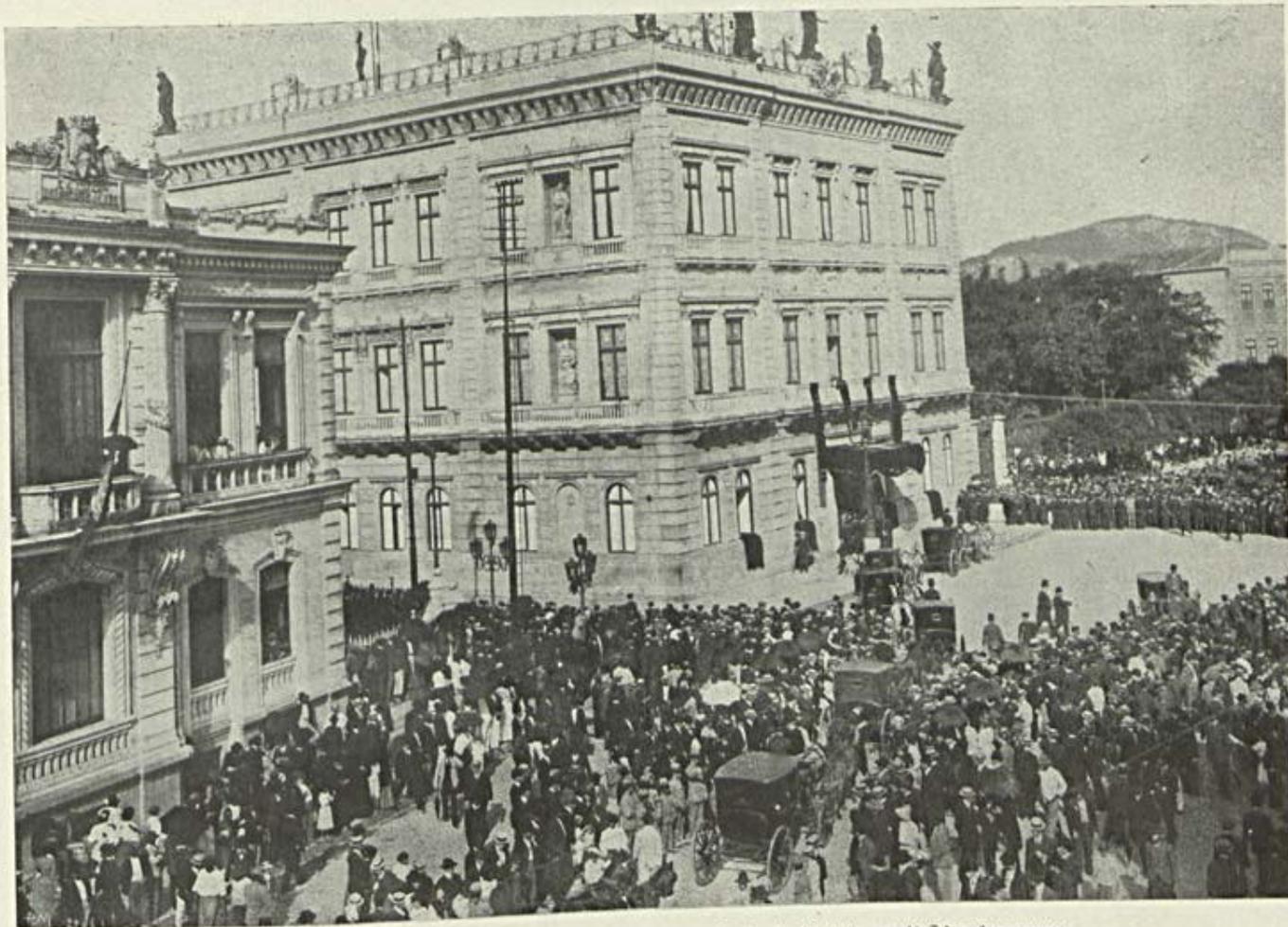
O movimento porém não significa só a função cega, mas a coordenação funcional. A passagem do influxo nervoso voluntario através das innumeraveis vias de condução que formam a rede dos neurones cerebraes e medulares até chegar a cada grupo muscular no tempo e com a intensidade requeridas em cada caso, representa um trabalho de selecção e de aperfeiçoamento das vias nervosas, trabalho que constitue a coordenação.

Os primeiros movimentos são sempre indecisos e mais ou menos diliceis, por não estar ainda completo o trabalho de coordenação. Quando os movimentos se repetem e chegam a ser automaticos, acha-se estabelecida a coordenação e registrada nas celulas cerebraes e medulares.

Deduz-se pois que o cerebro nas suas zonas motoras desenvolve-



(Cliché do «Fou-Fou»). Funeraes do dr. Affonso Penna. — A camara ardente



Funeraes do dr. Affonso Penna. — Junto ao palacio de Cattete no dia das funeraes

se e organiza-se com a aprendizagem dos movimentos musculares. E o automatismo é o signal de aperfeiçoamento psycho-motriz, e este facto deve servir ao mestre como norma da acção educativa.

A creança começa a sua organização medulo-cerebral instinctivamente com os seus primeiros movimentos. Além dos actos instinctivos que executa impulsionada pelo esforço obscuro da especie, aprende outros quer pelo ensino directo, quer pela adaptação ao meio. Esses fixam-se no cerebro, desenvolvem-n'o e completam a sua organização.

Deduz-se tambem a importancia dos movimentos ensinados e automatizados na creança. Se são movimentos incorrectos ou imperfeitos, podem produzir um mal difficil de reparar — mal que não é muscular e visivel, mas cerebral e invisivel, o que o torna mais perigoso para os que não sabem vêr. Os mestres conhecem as difficuldades que é preciso vencer, para corrigir habitos defeituosos.

Ha pois exercicios e movimentos que estimulam a organização cerebral d'uma fórma favoravel, e outros que a prejudicam, quer por



(Cliché do «Fon-Fon».)

Funeraes do dr. Affonso Penna. — A sahida do feretro do palacio de Cattete



Funeraes do dr. Affonso Penna. — No palacio de Cattete — Aguardando a sahida do corpo

especializações demasiadamente accentuadas, quer quando determinam adaptações desfavoráveis à vida do individuo.

Psychologicamente tambem o movimento e o pensamento apparecem estreitamente unidos. As experiencias de Feré revelaram-nos a influencia dynamogenica das excitações psychicas. Uma das acções mais curiosas é a da representação mental do movimento. Sob a influencia da attenção que significa pôr o pensamento no movimento que se vae executar, este é mais energico e mais productivo. Este facto dá uma indicação pedagogica importante; e é que os movimentos gymnasticos devem ser executados com attenção, até se produzir o automatismo.

O conhecimento scientifico mais exacto das relações physicas e mentais collocam a educação physica no logar que racionalmente deve ter na educação integral do homem. E' claro tambem que, considerada assim a questão, não é facil improvisar mestres d'um momento para o outro.

Na Belgica o assumpto foi cuidadosamente tratado, e depois de muitas luctas e difficuldades creou-se em Bruxellas a *Escola Superior de Educação physica*.

Comprehendeu-se n'aquelle paiz que não bastava dar aos alum-



Cliché do «Jornal do Brasil».

Funeraes do dr. Affonso Pena. — O coche funebre



Funeraes do dr. Affonso Penna. — Na praia do Botafogo — A caminho do cemiterio

nos das escolas um fundo intellectual, em harmonia com as necessidades economicas e sociais modernas, mas era preciso apoiar este ensino sobre a educação conveniente das faculdades physicas e do caracter. A capacidade deve ser integral e apoiar-se simultaneamente sobre um fundo solido de cultura geral, e sobre a formação physica e moral completa do homem.

Estas considerações levaram M. Solway a tomar a iniciativa da fundação d'uma Escola Superior de Educação Physica. Isto passava-se em 1903. No entanto a ideia foi acolhida com indiferença e até com hostilidade pelas Universidades Belgas, que preferiam o empirismo adoptado nas escolas para a cultura physica.

A iniciativa particular veio em auxilio da iniciativa de M. Solway. Offereceram-se doações importantes, e adquiriram-se os recursos necessarios para a fundação da Escola projectada.

Em 1905 abriu o curso.

O programma indica a orientação seguida.

No primeiro anno estuda-se Anatomia, Physiologia, Gymnastica pedagogica theorica e pratica, e analyse dos movimentos. Ha tambem natação, desportos e jogos ao ar livre.

O segundo anno continua o antecedente, e alem d'isso aprende-se Hygiene e Pathologia.

A instalação d'esta escola representava uma revolução, porque na Belgica como n'outros paizes o ensino da gymnastica era considerado como de importancia secundaria. E contudo desde muito existia uma propaganda intensa contra os perigos da gymnastica empirica, e affirmava-se a necessidade da organização systematica e racional da educação do movimento.



Dr. Nilo Peçanha

Vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brasil
(Tomou posse no dia 14 de Junho de 1909)

A escola é muito frequentada por alumnos regulares, na maior parte professores e professoras, delegados das communas onde estão collocados, e que depois introduzirão nas suas escolas os principios d'uma gymnastica racional.

O Estado seguiu na corrente; e em 1908 creou a faculdade da Educação Physica na Universidade de Gand.

Estas notas simples deixam ver que na Belgica a iniciativa generosa de alguns homens conseguiu vencer a resistencia e a indifferença da maioria; e em pouco tempo n'aquelle paiz o ensino empirico da Gymnastica, tão prejudicial, será substituido pela cultura physica racional e scientifica.

A coeducação

A coeducação triumphou, como se sabe, nos Estados-Unidos. Durante muitos annos encontrou alguns adversarios, mas a corrente que a generalizou a todos os ramos de ensino desde o primario ao superior, resistiu a todas as objecções.

Ultimamente os americanos começam a sentir apprehensões, e pedem que se restrinja a coeducação aos primeiros annos, de fórma que não exceda os doze.

Um professor inglez que passou um anno nos Estados-Unidos com o fim de estudar o systema escolar americano, condemna severamente o systema adoptado. Reconhece que desde a introdução do systema coeducativo a tensão sexual e as transgressões sexuaes diminuem visivelmente. Ao lado d'essa vantagem observou muitos inconvenientes. E entre esses aponta as deseguaes condições de desenvolvimento organico e intellectual do homem e da mulher com a mesma idade. Uma menina de 14 annos está adiantada 2 ou 3 annos sobre o rapaz da mesma idade. A rapariga é já mulher n'um



Funeraes do dr. Affonso Penna. — Uma parte da assistencia
Ao centro o dr. Nilo Peçanha

momento em que no rapaz não se manifesta a puberdade. E portanto, diz o professor inglez, é um erro, tractar como eguaes o rapaz e a rapariga precisamente nos annos criticos de ambos os sexos, cujo desenvolvimento é desigual.

Nas escolas superiores o numero das alumnas excede a dos alumnos, d'onde resulta, notou o inglez, que a instrucção se adapta especialmente ás necessidades e ao caracter da mulher. A maioria masculina recebe a educação que corresponde á caracteristica da maioria feminina; consequencia: os homens efeminam-se, assimilam a brandura e a sensibilidade das meninas, mas não as vantagens do caracter feminino.

Essa observação do viajante inglez parece exacta. Tinha-se já notado que a comunidade da vida escolar atenuava a differença dos caracteres de cada sexo; tende a formar seres unisexuados; e conduz a uma especie de hermaphroditismo moral.

O perigo é tão evidente que os partidarios de coeducação reclamam que nas escolas não haja a preponderancia do numero, quer dos rapazes, quer das raparigas.

O viajante inglez que assistiu em Nova-York aos preparativos da

O enterro do sr. Frederico Carlos Ferreira Franco pae do sr. conselheiro João Franco



O sr. conselheiro Vasconcellos Porto.

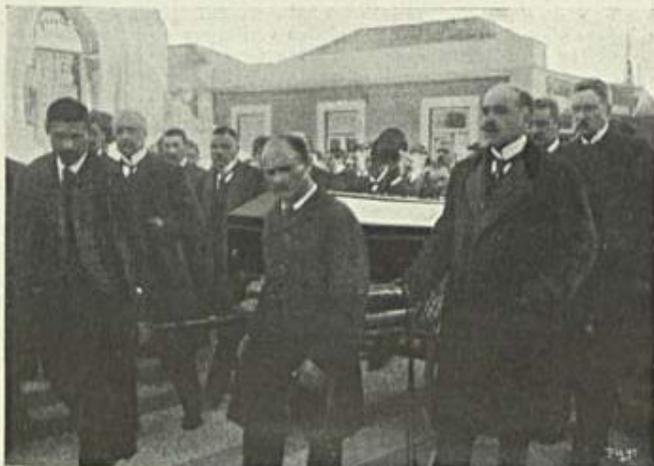
ultima eleição presidencial, attribue á efeminação dos homens a attitude do norte americano em presença da corrupção politica.

Ha n'isso um erro evidente de observação. A attitude do norte americano em presença da corrupção politica obedece a outras causas. Mas a coeducação ha-de agravar o mal, tirando aos homens o valor moral e a energia precisa para lutar contra uma minoria bem organizada.

Seja o que fôr, é certo que na America do Norte continua a opposição contra o abuso da coeducação e contra a extensão do systema a todos os graus. Ultimamente o director d'uma escola superior de Chicago tomou a resolução de separar oportunamente os



O enterro do sr. Frederico Franco
O sortejo no cemiterio



O enterro do sr. Frederico Franco
Entre outros: os ^{rs.} conselheiro Wenceslau de Lima, José Novaes, Schroeter, marquez de Soveral e dr. Pinto d'Abreu



O enterro do sr. Frederico Franco
Entre outros, da esquerda para a direita: srs. coronel Moraes Sarmiento, visconde de S. Sebastião, Alvaro Pinheiro Chagas, direita para a esquerda: conselheiro Cavalheiro, drs. Guivão e Fidello de Freitas Branco



O enterro do sr. Frederico Franco
Entre outros: conselheiro Alfredo Menêres, visconde de Idanha, conde de Valfior, Dr. Annibal Soares, Francisco Maria Bacellar, Dr. Borges Faria, Mário Galvão
(Clichés de A. C. Lima).



O enterro do sr. Frederico Franco
Entre outros: conselheiro Oliveira Feijão, visconde de Idanha, Antonio Vianna, conselheiro José Lobo, general Mendonça

dois sexos, afim de os educar em harmonia com os seus caracteres e com as suas futuras condições de vida.

Com respeito á influencia moral da coeducação, os americanos divergem fundamentalmente. E é singular que os proprios partidarios do systema reclamem para a direcção das escolas mixtas pessoas que á prudencia e experiencia juntem energia e auctoridade moral.

Vê-se que o problema da coeducação não se acha definitivamente resolvido, e a applicação d'elle para edades superiores a 12 annos produz apprehensões.

Marques Mano.

Um batoteiro conhecido convidou um amigo para frequentar um club de jogo:

- Olha, só encontrarás lá gente limpa.
- Acredito, principalmente á sahida.

Lisboa.

O SÁTIRO

No Sr. Dr. N. dos Reis Barbosa

Encolhéra-se o Sátiro medroso
a escutar a múrmura corrente,
enquanto pelo espaço transparente
se alastrava o crepusculo piedoso.

Mas sentiu passos e, ao olhar, curioso,
por entre os galhos de arvôre frondente,
viu perpassar, inesperadamente,
inundado de luz, um vulto airoso.

Estremeceu, e erguendo-se, enlevado,
ficou-se a olhar o vulto delicado
e branco como os lirios a florir.

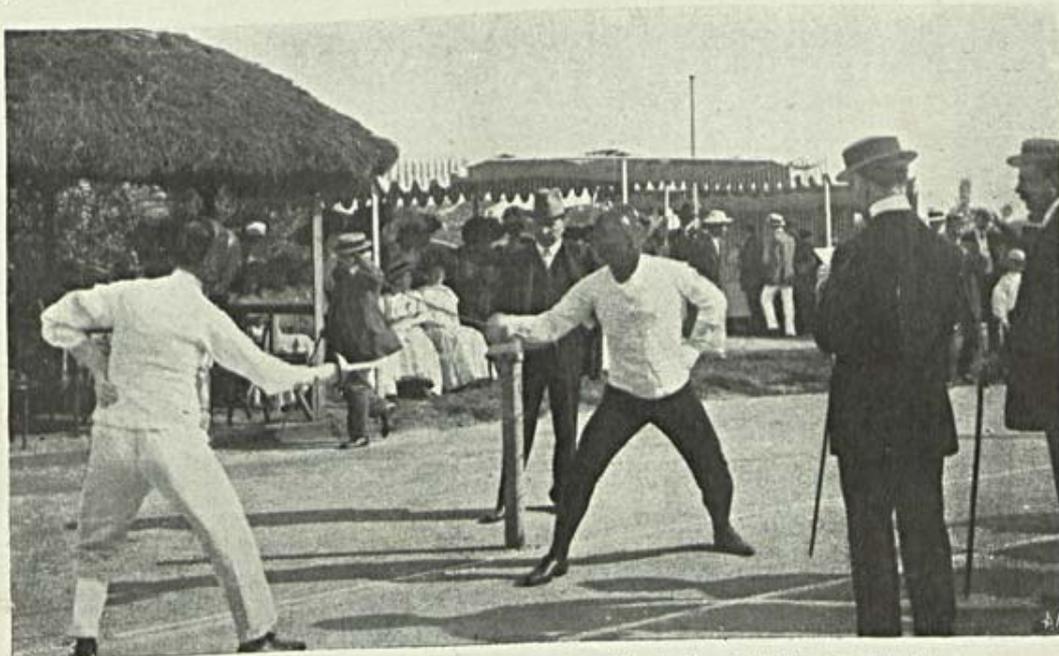
E, ao vê-lo sumir-se na planura
levando esparsa ao vento a trança escura,
tombou no chão e poz-se a rir, a rir.

Mario Salgueiro.

NOTAS DE SPORT. — Match de lawn-tennis e poule á espada organizada pelo Grupo de Lawn-Tennis de Carreiros



Os jogadores do match. — No primeiro plano: Francisco Martins, Alfredo W. Hardy, Antonio O. Calem, Augusto C. P. Teixeira (Cliché Calem-amador), e Ch. Guillaumin. — No segundo plano: Listie Nixon, Murray e Guilherme N. da Fonseca e Silva



(Cliché de Augusto Teixeira-amador). Notas de «Sport». — Antonio de Lemos e Arnaldo de Sousa Arides assallando

O «Rancho do Vapor» da Figueira da Foz



Nos dias 27, 28 e 29 de junho, apresentou-se no jardim da Estrella, nas festas promovida pela Associação da Imprensa, a favor do seu cofre das viúvas e orphãos dos jornalistas, o célebre *Grupo do vapor*, da Figueira da Foz, composto de 90 figuras, e que vinha procedido de uma excellente reputação não só como executante d'um repertorio notavel e variadissimo, mas ainda como muito dedicado por tudo quanto represente acção caritativa, pois se presta sempre a collaborar em festas de beneficencia, guardando para si, apenas a satisfação de ter concorrido para o alargamento de beneficio a conseguir. E assim procedeu para com o cofre das viúvas e orphãos dos jornalistas pobres, porque obsequiosamente se prestou a abrilhantar as referidas festas em tres apresentações successivas, exhibindo um repertorio que foi entusiasticamente applaudido.

O *Grupo do vapor* foi realmente um dos numeros do programma d'aquellas festas, que mais agradou. Apresentado sobre um vasto e bem construido vapor, levantado n'um dos lagos do jardim, illuminado profusamente, formava conjunto artistico e notavel a que dava realce a bella execução nos trechos escolhidos, e a graça, alegria e arte que, tanto nas suas danças como nas suas *canções* punham aquellas raparigas interessantes, irreprehensivelmente vestidas de marinheiras, acompanhadas pelos rapazes que completavam o aspecto geral do gracioso grupo.

Este numero foi entusiasticamente applaudido, sendo dignos de todo o elogio os directores de tão excellente grupo. Estamos certos de que, recolhendo á Figueira da Foz, deviam levar gratas recordações dos applausos e da forma porque foram apreciados n'esta capital, onde deixaram muitissimas sympathias e entusiasticos admiradores.

O «Rancho Alegre Mocidade» de Aveiro



Damos hoje, em grupo, a photographia do rancho de Aveiro, «Alegre Mocidade», que nas noites de 27, 28 e 29, tomou parte nos festivos nocturnos da Associação da Imprensa em favor do seu cofre de pensões a viúvas e orphãos.

Foram tres noites de evocações, em que toda a partitura do norte, tão cheia de poesia, vibrou poderosamente na nossa sensibilidade, traduzida pelas morenas filhas de Aveiro — as mais lindas do Douro, como d'ellas dizia a tradição oral quando attribuia ás aveirenses um entendimento sobrenatural com o proprio Satanaz.

O mar tem alguma cousa de poderoso que influe nos caracteres, e se comunica aos que vivem na sua intimidade, vincando-os de traços anormaes inconfundiveis.

As tricanas de Aveiro, com o mar ao pé da porta, entrando-lhe familiarmente pelo lar dentro a cada esticção da maré, teem inconfun-

divelmente esse traço saliente e typico das populações do littoral, tão diversas em cada praia mas sempre ligadas por uma afinidade de emoções, e por uma eterna egualdade de scenario.

As suas canções são uma reminiscencia viva do mar, possuem toda a harmonia orchestral do oceano como as suas ondas e as suas marés, e, ou seja na alegria ou na saudade, essa musica é apaixonada, larga e fluente como as proprias ondas.

As danças de Aveiro teem tambem toda a movimentação das danças maritimas, como a marcha de saudação a Lisboa, onde o collar das raparigas semelha o ondear das aguas.

A população lisboeta deve a estas frescas raparigas o encanto de umas horas que passaram depressa, e Aveiro, a sua terra, a honra de uma homenagem á mais linda musica do norte de Portugal.